



O verão na epigrafia romana!

José d'Encarnação | CEAACP - Universidade de Coimbra

«Hic Optata sita est quam tertia rapuit aestas lingua manu nunquam dulcior
ulla fuit in pace»

«Aqui jaz Optada, que o terceiro Verão arrebatou. Nunca nenhum outro
falar e gesto mais doces foram! Em paz!»¹

Datado do século III e considerado já em ambiente cristão, este epitáfio identificado em Roma (EDCS-37700202)² é – quanto eu saiba – o único em que se apresenta o Verão como tendo sido, de certo modo, o responsável pela morte de alguém. Não responsável propriamente dito, embora a expressão concreta isso o diga, mas em sentido figurado: a Optada foi concedido viver três Verões, ou seja, faleceu com três anos. E compreende-se, por isso, que o Verão seja visto aqui como um raptor. Aliás, também essa atribuição é dada, numa inscrição de Mértola,³ mas ao Inverno:

«Lustris quinque fui sexta peremit hiemps», «Vivi cinco lustros, o sexto Inverno
matou-me!»

Contudo, a referência ao Verão na documentação epigráfica⁴ aparece sobretudo nos mosaicos, em que o tema das estações, como escreveu Bairrão Oleiro, é um dos «mais persistentes e difundidos na arte do mosaico».⁵ Contam-se por largas dezenas em todo o mundo romano, meia centena só no Norte de África, umas quarenta na Hispânia (*ibidem*), uma das quais no magnífico mosaico cosmológico que se mostra, em Mérida, na chamada «Casa de Mitreo».⁶ No território português, há, até ao momento, quatro mosaicos com representação de estações: em Conímbriga, em Arneiro (Arnal, Pombal), em S. Vitória do Ameixial e no Rabaçal (Penela).

¹ Por curiosidade, afigura-se-me tocante a interpretação desta epígrafe que Ivan di Stefano teve a gentileza de partilhar comigo: «Ella ispirava molta tenerezza ai genitori per il modo grazioso di parlare (lingua) e di muovere le mani (manu) per prendere le cose che la interessavano (immagino, ad esempio, i crepundia)». Não há dúvida: um epitáfio bem sugestivo!

² EDCS = Epigraphik Daten-bank Claus / Slaby. Trata-se do corpus de inscrições romanas mais actualizado. Acessível em <http://www.manfredclaus.de/gb/>

³ IRCP 98 = ENCARNAÇÃO, José d', Inscrições Romanas do Conventus Pacensis, Coimbra, 1984 (inscrição nº 98). <http://hdl.handle.net/10316/578>.

⁴ Ivan di Stefano lembrou-me, no âmbito literário, a seguinte passagem da Eneida, de Virgílio: Septima post Troiae excidium iam vertitur aestas (V, 626), «Eis que se acaba o sétimo Verão desde a queda de Tróia».

⁵ OLEIRO (J. M. Bairrão), Conímbriga – Casa dos Repuxos, Conímbriga, 1992, p. 121.

⁶ QUET (Marie-Henriette), La Mosaique Cosmologique de Mérida, Paris: De Boccard, 1981 (separata da publicação feita na revista Conímbriga de 1979 e 1980).

Em Conímbriga, a figura do Verão está no «registo quadrado do ângulo nordeste, embora com grandes falhas» do pavimento de uma sala anexa ao triclinium da Casa dos Repuxos. Bairrão Oleiro descreve-a assim:

«Falta-lhe toda a parte superior da cabeleira e a metade direita da face. Veste túnica rosa debruada; no cabelo que, sobre o ombro esquerdo, cai em trança, há toques de cor e possíveis vestígios de uma grinalda (?). Sobre o ombro direito distingue-se a ponta curva de uma foice».

Trata-se de uma representação que obedece à fórmula estereotipada: a foice sobre o ombro direito e a cabeça toucada de espigas de cereais. Não precisaria, pois, de legenda, que é uma das funções da Epigrafia nos mosaicos: identificar as representações. Podemos citar os casos de Hellin (antiga *Ilunum*), na actual província espanhola de Albacete, em que, além dos nomes das estações – o do Verão está abreviado em AES(*tas*)⁸ – há os dos doze meses (EDCS-11701016), o mesmo acontecendo num outro de Cartago, na África Proconsular (EDCS-25001588), em que o nome do Verão se reconstitui a partir das letras que restam: [A]E(s)TAS. Já num mosaico de Óstia (EDCS-05702057), os nomes estavam completos VER / AESTAS / AVTV[MNVS] / HIEMS.⁹

Ocorre perguntar: haverá alguma razão especial para se ter privilegiado esse tema das estações do ano nos mosaicos sobretudo das *villae* do século IV? Houve. É que se assiste, nesse período, a um retorno das grandes famílias para o campo, na sequência das enormes mudanças sociais ocorridas. Retorno que foi acompanhado por alguma saudade dos tempos áureos do Império, em que os poetas celebravam a doçura da vida rural¹⁰. Concomitantemente, houve uma «ressurreição» dos temas mitológicos e maior apreço pelas mudanças que, deleitosamente, a Natureza proporcionava, de acordo com as estações. Essa maior sensibilidade ao tempo no decurso do ano sugeria, por outro lado, uma suave permanência – que a uma estação outra se sucederia e o Homem delas ia usufruindo, no que se poderia chamar uma *aurea mediocritas*!...

⁸ Agradeço, mui penhoradamente, a Felipa Díaz, do Archivo Fotográficos (Museo Arqueológico Nacional, de Madrid), a pronta solicitude com que me facultou a excelente imagem que ilustra esta mui singela nota.

⁹ Poderá parecer estranho que Verão se diga *Aestas* em Latim, quando a nossa palavra é tão diferente e só o italiano manteve a etimologia latina: *estate*. O português Verão e o castelhano Verano derivam da expressão do latim tardio *veranum tempus*, «tempo primaveril» (de 'ver', Primavera), porque se chegou a chamar Verão o final da Primavera, reservando-se para o Verão propriamente dito o vocábulo *Estio*. De resto, nessa mesma ordem de ideias se deve entender a etimologia de Primavera, que seria, pois, 'o primeiro tempo'!

¹⁰ Cf. ENCARNAÇÃO (José d'), *A Estratégia do Poder na Roma Antiga*, Associação Cultural de Cascais, 2014, p. 84. <http://hdl.handle.net/10316/25750>.



Aes – Verão no mosaico de
Hellen.

Créditos: Museo Arqueológico
Nacional, Madrid. Inv. 38316.
Foto: José Barea.

